



INTERVENÇÕES E IDEIAS COM/NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO



Organização:
Hugo Leonardo de Melo
Gianni Santiago

Editora da Universidade de Vassouras
2025

Organização
Hugo Leonardo de Melo
Gianni Santiago

INTERVENÇÕES E IDEIAS
COM A FORMAÇÃO DE
PROFESSORES: EXPERIÊNCIAS E
PRÁTICAS PARA ADIAR
© FIMI DO MUNDO

© 2025

Presidente da Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE)
Adm. Gustavo de Oliveira Amaral

Reitor da Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Marco Antônio Soares de Souza

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação Tecnológica da Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Carlos Eduardo Cardoso

Coordenadora do Curso de Pedagogia da Universidade de Vassouras
Prof. Dr.^a Adriana Serqueira

Coordenadora Adjunta do Curso de Pedagogia da Universidade de Vassouras
Prof. Me. Marinéa Rodrigues

Organização:
Prof. Me. Hugo Leonardo Silva de Melo

Direção de Revisão:
Prof. Dr^a Gianni Isidoro Nascimento Santiago

Discentes Representantes de Turma do Curso de Pedagogia da Universidade de Vassouras
Priscila da Silva de Castro Dias; Monique de Brito Barros; Débora Tatiana Oliveira do Rego;
Gustavo Spindola Costa; Priscila da Silva de Castro Dias; Monique de Brito Barros; Débora
Tatiana Oliveira do Rego

Editora-Chefe das Revistas Online da Universidade de Vassouras
Prof^a Lígia Marcondes Rodrigues dos Santos

Editora Executiva Produções Técnicas da Universidade de Vassouras
Prof^a Dr^a Paloma Martins Mendonça

Diagramação: Prof. Me. Hugo Leonardo Silva de Melo

Modo de acesso: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/PT/article/view/5787>

In888 Intervenções e ideias com/na formação de professores: experiências e
práticas para adiar o fim do mundo / Organização de Hugo Leonardo Silva
de Melo, Gianni Santiago. – Vassouras, RJ : Universidade de Vassouras,
2025.

1 recurso online (56 p.)

Recurso eletrônico

ISBN: 978-65-83616-44-9

1. Professores – Formação. 2. Subjetividade. 3. Conferência das Nações
Unidas sobre Mudanças Climáticas. I. Melo, Hugo Leonardo Silva de. II.
Santiago, Gianni. III. Universidade de Vassouras. IV. Título.

Sistema Gerador de Ficha Catalográfica On-line – Universidade de Vassouras

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que
citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. O texto é de
responsabilidade de seus autores. As informações nele contidas, bem como as opiniões emitidas,
não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras.

AGRADECIMENTOS

Neste tempo em que nos une a pensar em modos de intervir ao adiamento do fim do mundo, agradecemos a parceria da Universidade de Vassouras e, em especial, ao Campus de Maricá, sob direção da Professora Me. Denize Luiz Cardim, por nos permitir o espaço para transgredir ao que está posto e naturalizado dentro de nós em relação aos maus tratos do planeta. Questionar nossa Prática docente e o quanto ela pode contribuir dentro e fora das instituições de ensino, sejam da Educação Superior ou Básica, nos atravessa a pensar que é algo urgente a ser questionado, pois dependemos de um bom relacionamento com o mundo e abraçá-lo, para então, suscitar um novo modo de pensar e de exigir nele.

Agradecemos a Coordenação do Curso de Pedagogia, Professora Doutora Adriana Serqueira e sua Adjunta Prof. Me. Marinéa Rodrigues pela confiança em nos aproximar dos diálogos que fazem de nós peças importantes com a Prática Pedagógica na Formação Docente.

Agradecemos a todos os futuros Pedagogos que impulsionados a fazerem a diferença, atrelam-se a pensar numa educação outra, ao qual levarão para o chão das escolas e instituições uma prática diferente em busca de uma pedagogia dialógica e integrada com o Mundo e seus desafios.

Por fim, agradecemos a Editora da Universidade de Vassouras e todos os envolvidos em dar visibilidade a este recorte livre de uma pedagogia que se faz com os pequenos recortes de uma vivência. Extendemos ainda, a toda a Reitoria de Extensão por pensar com a universidade e na importância de fomentar às pesquisas como processo de transformação dos sujeitos.



APRESENTAÇÃO

Num mundo acelerado, onde a maior preocupação humana é se aproveitar das riquezas que possam ele oferecer, é importante analisar modos outros de intervir neste processo que vem prejudicando a vida da terra, o que, para Krenak é visto como “*Ideias Para Adiar o Fim do Mundo*”. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo reunir intervenções e Ideias que correspondam de modo contrário ao fim do planeta, desde a formação docente. O fazer metodológico das escritas deste e-book são Memórias-Retalhos tecidas pelos alunos do quarto período do curso de Pedagogia da Universidade de Vassouras, Campus Maricá, no semestre de 2025.1. Elas emergem das experiências das aulas de Vivências Extensionistas IV, componente curricular que visa ampliar o entendimento da universidade para e com o mundo, por meio das Práticas, Pesquisas e Extensões. O intuito é, já na formação de professores, pensar em processos formativos que dialogam com as mudanças contemporâneas, propondo um espaço de reflexão e atenção ao que acontece no agora e que pode influenciar no futuro. Ao tange às experiências de sala de aula, no contexto da extensão, elas dialogam com a Proposta Pedagógica do curso, para o ano de 2025, que tem por título “*Cidadãos do Clima: as diretrizes da Cop-30 como Instrumento de Transformação na Prática Pedagógica*”. Ela é uma estratégia pensada com Instrumento de Transformação na Prática Pedagógica”, destacando a necessidade de uma educação voltada para a sustentabilidade, inovação e justiça social. Esta compilação conversa com Krenak (2019), Oliveira; Ferreira (2021), Larrosa (2002) , Deleuze (1972), Dias (2009), que embasam os encontros nas aulas, além de outros possíveis referenciais que são sugeridos nas escritas dos discentes. Por fim, a coletânea propõe fazer ciência com a própria vida e manter viva as experiências dos Licenciandos que se atrelam a conscientização e valorização do Planeta.

PALAVRAS-CHAVE: Intervenções; Prática Pedagógica; Cop-30; Ideias; Valorização do Planeta



SUMÁRIO

“O QUE FAZER PARA ADIAR O FIM DO MUNDO?” - 8

Ana Luiza Ilário Manhães Nogueira

“O QUE PODEMOS FAZER PARA EVITAR O FIM DO MUNDO?” - 9

Andreia Cunha Camacho Silva

ADIAR O FIM DOMUNDO:DO‘EU’ AO ‘NÓS’ EM UM CULTIVO COLETIVO - 10

Cláudia Luiz da Silva

PROMOVER REFLEXÕES ACERCA DA EBULIÇÃO GLOBAL - 11

João Victor Albuquerque

COMO ADIAR O FIM DO MUNDO?! - 13

Eliana Avelino da Silva

VIVÊNCIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO - 15

Eliana Avelino da Silva Lemos.

ADIAR O FIM DO MUNDO: UMA REFLEXÃO COLETIVA - 16

Elizangela Barbosa da Rosa Oliveira

AINDA PODEMOS SALVAR O MUNDO - 18

Elizangela Conceição Francisco de Souza

“O QUE EU POSSO FAZER PARA ADIAR O FIM DO MUNDO” - 19

Gustavo Pires das Neves

ADIAR O FIM DO MUNDOOOOO? - 20

Ingridy de Brito Costa

COMO PODEMOS ADIAR O FIM DO MUNDO - 21

Isabelle Cristine Chaves Palma

COMO ADIAR O FIM DO MUNDO E O CUIDADO - 22

Jéssica de Freitas Gomes Moore

O QUE FAZER PARA ADIAR O FIM DO MUNDO? - 24

Julia Souza

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O LIVRO “O MUNDINHO”

COMO FERRAMENTA PARA ADIAR O FIM DO MUNDO - 25

Larissa Leopoldina da Silva

O MUNDO EM ALERTA E A ROTINA DO CONFORMISMO - 30

Letícia Azeredo Leitão

A INDIVIDUALIDADE FORMA A NOSSA EXISTÊNCIA, MAS O 'EU' SÓ GANHA SENTIDO QUANDO RECONHECEMOS O NÓS" - 32

Letícia Sant'Anna Paes

CULTIVAR UM MUNDO MELHOR - 33

Loize Estefani da Silva

UMA ÁRVORE QUE SIMBOLIZAVA A IMPORTÂNCIA DA NATUREZA - 34

Luana Mendonça Barboza

TRANSFORMANDO UM PROBLEMA AMBIENTAL EM UMA SOLUÇÃO SUSTENTÁVEL - 35

Luna Figueiredo

IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: REFLEXÕES A PARTIR DO DEBATE SOBRE DISCURSOS EXTREMISTAS E A CRISE AMBIENTAL - 37

Maiara de Souza Almeida

A IMPORTÂNCIA DAS VIDAS NA NATUREZA - 40

Marcos Murilo Motta da Silva

O FIMDO MUNDO? - 42

Monique de Brito Costa Barros

ERA SÓ MAIS UMA ATITUDE SUSTENTÁVEL - 43

Natália Farias Tougeiro Affonso

COMO ADIAR O FIM DO MUNDO? - 45

Natália Soares de Azeredo

O QUE POSSO FAZER PARA ADIAR O FIM DO MUNDO - 46

Priscila da Silva de Castro Dias

IDÉIAS PARA SALVAR O FIM DO MUNDO - 47

Raphael de Siqueira Carneiro Leão

"O QUE EU POSSO FAZER PARA ADIAR O FIM DO MUNDO" - 48

Roberta de Oliveira Marins dos Santos

ATITUDES POSITIVAS - 49

Taniela Pereira Dutra

A IMPORTÂNCIA DA CONVIVÊNCIA E DA FORMAÇÃO HUMANA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA -50

Amilton Ribeiro da Silva

VIVÊNCIA COLETIVA E EMPATIA: A PEDAGOGIA COMO CAMINHO TRANSFORMAÇÃO - 51

Gustavo Spindola Costa

O QUE FAZER PARA ADIAR O FIM DO MUNDO? - 54

João Pedro Felix Martins de Souza

ADIAR O FIM DO MUNDO: UMA EXPERIÊNCIA DE AFETO, ESCUTA E RECONSTRUÇÃO COLETIVA - 56

Vitoria Camille Gomes da Silva

REFERENCIAL DAS AULAS DE EXTENSÃO - 58

“O QUE FAZER PARA ADIAR O FIM DO MUNDO?”

Ana Luiza Ilário Manhães Nogueira

Pensar sobre o fim do mundo é algo que assusta, mas ao mesmo tempo nos convida a refletir sobre como estamos vivendo. O mundo não está acabando de uma vez só, ele está se desfazendo aos poucos, com cada escolha egoísta, cada atitude inconsciente e cada injustiça que a gente normaliza. E é justamente por isso que a pergunta “o que fazer para adiar o fim do mundo?” é tão necessária.

Como uma estudante de Pedagogia, vejo que tudo começa pela educação. Educar não é só ensinar a ler e escrever, é também ensinar a cuidar — do outro, da natureza, da vida em comunidade. Adiar o fim do mundo passa por despertar a consciência das pessoas, principalmente das crianças, que são sementes do futuro. Se elas crescerem entendendo o valor da empatia, do respeito e da responsabilidade ambiental, já estaremos construindo um novo caminho.

Além disso, acredito que é preciso mudar a relação que temos com o consumo. Vivemos numa sociedade que incentiva o desperdício, o excesso e o descartável. Mas o planeta tem limites. Reduzir, reutilizar, reciclar, valorizar o local e o simples — tudo isso são formas de resistência. São pequenos atos, mas que, juntos, fazem barulho.

Outro ponto importante é a coletividade. Nenhuma mudança real acontece sozinha. Precisamos nos unir, fortalecer redes de apoio, movimentos sociais e ações comunitárias. Quando nos reconhecemos como parte de um todo, passamos a agir com mais cuidado, porque entendemos que o que afeta um, afeta todos.

Adiar o fim do mundo é possível. Mas para isso, precisamos mudar nossas atitudes agora. Precisamos de menos discurso e mais prática, menos ego e mais humanidade. E principalmente, precisamos acreditar que ainda dá tempo. O fim do mundo só será inevitável se a gente desistir de lutar por um começo diferente.

REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



“O QUE PODEMOS FAZER PARA EVITAR O FIM DO MUNDO?”

Andreia Cunha Camacho Silva

Através de um cartaz, apresentamos frases de impacto com dois caminhos. No centro do cartaz, desenhamos um globo com a imagem do planeta Terra e, ao lado, colocamos frases: de um lado, o que devemos fazer; do outro, o que estamos fazendo, muitas vezes sem querer. Ao realizar esse trabalho, veio-me à mente o Greenpeace, uma organização ambiental global que defende a paz e o meio ambiente. Essa organização atua em diversas áreas, como a proteção da Amazônia, o combate ao desmatamento, a defesa das comunidades indígenas, a preservação dos oceanos e o enfrentamento das mudanças climáticas. Fazendo a nossa parte, teremos um mundo melhor. “...Ouvi essa historinha, não me lembro onde. A floresta estava pegando fogo e todos os animais fugiam, exceto o beija-flor, que pegava água com o bico, voava até o incêndio e jogava pequenas gotas sobre o fogo. Ele foi questionado pelo elefante, que corria para se proteger:

— Por que você não foge? Vai acabar morrendo e não vai conseguir apagar esse fogo! E o beija-flor respondeu: — Posso até não conseguir apagar esse fogo, mas estou fazendo a minha parte.” Autor desconhecido Essa história nos mostra que, mesmo que nossas ações pareçam pequenas diante de um problema tão grande, cada gesto conta. Se cada um fizer a sua parte, juntos poderemos causar um grande impacto positivo. A mudança começa com atitudes individuais, conscientes e responsáveis. O futuro do planeta está em nossas mãos — e ainda temos tempo para fazer a diferença.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *O que você pode fazer pelo meio ambiente*. Disponível em: <https://www.gov.br/mma>. Acesso em: 11 jun. 2025.

GREENPEACE BRASIL. *Quem somos*. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil>. Acesso em: 11 jun. 2025.

ADIAR O FIM DOMUNDO: DO ‘EU’ AO ‘NÓS’ EM UM CULTIVO COLETIVO

Cláudia Luiz da Silva

Na aula “Como Adiar o Fim do Mundo”, aprendi que cultivar uma experiência significa torná-la passível de ser colhida. A individualidade, que por si só não gera frutos, atinge seu auge quando floresce e frutifica entrelaçada com o outro, conectada à terra. Como afirma o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro: “o humano não é um privilégio do *Homo sapiens*, mas uma condição que se estende a outros seres” (Viveiros de Castro, 2015). Esse sentimento é profundamente afetuoso e humanitário, ligado à terra e submetido à coexistência com outras existências. Para adiar o fim do mundo, é preciso compreender que não existe um “eu” isolado, mas sim um “nós”.

Assim, transformar uma experiência particular em cultivo é oferecer um presente ao outro, permitindo que ele colha aquilo que foi gerado. Esse cultivo dialoga também com o pensamento de Boaventura de Sousa Santos, que fala sobre a ecologia dos saberes e como a sabedoria só acontece quando um saber se conecta a outro com um propósito maior: “A ecologia de saberes propõe que nenhum saber é completo em si mesmo; ele se completa em relação a outros saberes” (Santos, 2007). Tal como as transformações nas colheitas, somos mais fortes quando estamos juntos.

O yanomami Davi Kopenawa também reforça essa ideia: “A floresta vive porque nós, os povos da floresta, a protegemos. Ela é nossa casa, mas também é o mundo de todos” (Kopenawa & Albert, 2010). Portanto, para adiar o fim do mundo, é necessário viver essa noção de que não apenas existimos em coletivo, mas que cada fio do tecido da existência coletiva precisa atuar em harmonia com o todo e com as gerações futuras. Só assim poderemos verdadeiramente plantar nossas esperanças e destinos. Como diz Kopenawa, a terra não nos pertence, nós é que pertencemos à terra.

REFERÊNCIA:

- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2007.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.



PROMOVER REFLEXÕES ACERCA DA EBULIÇÃO GLOBAL

João Victor Albuquerque

A proposta tem como objetivo promover reflexões acerca da ebulação global que estamos vivenciando nessa segunda década do século XXI. Indicada a premissa, era necessário apresentar uma proposta de intervenção, fosse ela de caráter pessoal ou comunitário, que visasse conter os danos já existentes. O grupo, então, se debruça sobre um breve debate.

O diálogo se inicia no campo político, pensando sobre discursos extremistas que negam a tragédia climáticas que permeia os dias atuais. Avançando nessa linha de pensamento, passou- se a analisar um discurso de Donald de Trump, onde as vacas (aliadas a um processo de aquecimento natural da Terra) acabam levando a culpa pelo aquecimento global. Neste ponto do debate, o gás metano — emitido em larga escala pelo gado — surge como personagem e rapidamente torna-se o protagonista da narrativa que apresentaríamos mais tarde.

Nos atentamos para o cenário da produção massiva de lixo e como seu descarte produz altos níveis de metano, que como descobrimos através de uma pesquisa (não aprofundada) na internet, pode ser mais até oitenta vezes mais prejudicial que o gás carbônico para a atmosfera terrestre. A proposta de intervenção que enxergamos no horizonte pensa em converter o problema em um combustível que nos encaminha para um futuro biossustentável. A solução consiste em aproveitar o gás metano produzido em aterros sanitários, transformando-o em energia elétrica que poderá ser aproveitada pela população regional.

A construção desse trabalho demonstrou na prática como funciona o processo de produção científica; surge uma problemática, a seguir é necessário pesquisar, dialogar, problematizar, elaborar, revisar e finalmente expor.

REFERÊNCIAS

BETTS, Anna. Trump bizarrely claims Democrats want to ban cows and windows in buildings. *The Guardian*, 15 out. 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2024/oct/15/trump-democrats-cows-windows>. Acesso em: 15 de abril de 2025.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE (PNUMA). Emissões de metano estão impulsionando a mudança climática: veja como reduzir. 2021. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/reportagem/emissoes-de-metano-estao-impulsionando-mudanca-climatica-veja>. Acesso em: 15 de abril de 2025. G1. Emissões de metano, um dos principais gases do aquecimento global, atingem recorde em 2021. 26 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2022/10/26/emissoes-de-metano-um-dos-principais-gases-do-aquecimento-global-atingem-recorde-em-2021.ghtml>. Acesso em: 15 de abril de 2025.



COMO ADIAR O FIM DO MUNDO?!

Eliana Avelino da Silva

No mundo contemporâneo, marcado pelo consumo excessivo e pela degradação ambiental, repensar nossas práticas cotidianas é uma urgência. A educação, enquanto prática transformadora, pode e deve promover a reflexão crítica sobre os impactos humanos no planeta, despertando a consciência coletiva para a necessidade de mudança. A esperança não está apenas em grandes soluções tecnológicas, mas também nas pequenas atitudes que promovem justiça social e ambiental.

Segundo Ailton Krenak (2019, p. 43), “adiar o fim do mundo é fazer um movimento coletivo de imaginação, de resistência e de criação de outros modos de vida”. Essa afirmação nos convida a pensar que a sustentabilidade não é apenas uma pauta ecológica, mas uma reconstrução de valores, de pertencimento e de respeito à diversidade dos modos de ser e viver.

Dessa forma, adiar o fim do mundo significa educar para o cuidado: com o outro, com o ambiente e consigo mesmo. E isso começa dentro da escola, nos pequenos gestos, nos projetos de conscientização e na valorização dos saberes ancestrais e populares. A pedagogia comprometida com a vida precisa romper com o modelo que prioriza apenas o rendimento e abrir espaço para o afeto, o diálogo e a escuta sensível.

Figura 1- Trabalho feito sobre a poluição no nosso planeta.



Fonte: compilação do autor.

REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.





VIVÊNCIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

Eliana Avelino da Silva Lemos.

Mudar o mundo começa com a gente. Depois de viver 50 anos, aprendi que não dá pra esperar grandes milagres ou soluções mágicas. A mudança vem nas pequenas escolhas do dia a dia — no que a gente consome, no que joga fora, em como trata os outros e o planeta.

Se quero um futuro melhor para os meus filhos, para os que vêm depois, então preciso fazer a minha parte. Usar menos, escolher melhor, evitar o desperdício, respeitar a natureza. Pode parecer pouco, mas se todo mundo fizer um pouquinho, o impacto é enorme.

Acredito também que o mundo precisa de mais empatia. Mais escuta, mais carinho, mais cuidado com o outro. O fim do mundo, pra mim, não é só desastre natural. Ele começa quando a gente para de se importar, de amar, de ter esperança. Quando penso no tema “Dia de adiar o fim do mundo”, lembro da importância de ser humana, de mostrar nossas fraquezas sem vergonha, como a Aline Bei faz nos seus textos. É na nossa sensibilidade, nos nossos sentimentos, que encontramos forças pra seguir e resistir.

Se eu conseguir despertar isso em alguém, inspirar um pouco de esperança, de cuidado, de consciência, já vou ter feito minha parte. E talvez, assim, a gente consiga empurrar esse fim mais pra frente.



ADIAR O FIM DO MUNDO: UMA REFLEXÃO COLETIVA

Elizangela Barbosa da Rosa Oliveira

A atividade da disciplina de Vivências Extensionistas, centrada na pergunta provocadora “O que podemos fazer para adiar o fim do mundo?”, despertou-me reflexões que vão muito além das questões ambientais. Embora o tema destaque, com razão, os impactos ambientais como fatores determinantes para um possível colapso do planeta — como nos alerta Ailton Krenak, em sua obra *Ideias para adiar o fim do mundo* (Krenak, 2019) — já denuncia que o esgotamento da Terra é sintoma de um projeto civilizatório baseado em colonialismo, racismo e capitalismo predatório, que converte tudo—gente, rios e florestas—em mercadoria descartável.

Contudo, a apresentação do nosso grupo de trabalho trouxe à tona uma dimensão igualmente urgente: a existência humana em sua singularidade e complexidade. Como diz Krenak: “Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações” (Krenak, 2019, p. 33).

Essa visão reforça a ideia de que a diversidade não apenas nos constitui, mas deve ser celebrada como base para repensarmos a convivência e a sustentabilidade do planeta.

Refletimos que a individualidade forma a nossa existência; contudo, só existimos de verdade quando nos reconhecemos no outro, na terra que pisamos, no sonho que compartilhamos. Essa reflexão dialoga com a perspectiva de Martin Buber (2001), para quem o ser humano se constitui na relação com o outro, no encontro do “Eu” com o “Tu”, onde nasce uma ética do cuidado que é condição para qualquer projeto de mundo possível.

Adiar o fim do mundo é compreender que o “eu” não está separado do “nós”; é transformar a experiência pessoal em algo coletivo, onde o cuidado com o outro se torna tão essencial quanto o cuidado com o planeta.

Durante a construção da proposta, senti-me atravessada pela ideia de que adiar o fim do mundo também é um exercício de resistência pessoal: de cultivar empatia, exercitar a escuta atenta e promover gestos de cuidado com o outro. Nessa perspectiva, faz sentido pensar com Paulo Freire (2005), que nos convida a uma pedagogia da esperança, onde a transformação social nasce de relações dialógicas, fundadas no respeito e na escuta mútua — atitudes simples, mas profundamente transformadoras.

Nesse processo, percebi o quanto a individualidade molda a forma como nos posicionamos no mundo, e o quanto ela precisa dialogar com o coletivo para que o futuro ainda seja possível. Isso ecoa a ideia de Hannah Arendt (2007) sobre a pluralidade como condição fundamental da vida pública: cada ser humano é único e, por isso, tem algo irrepetível a oferecer à construção coletiva.

Ao reconhecermos nossa interdependência com os outros e com o planeta, caminhamos na direção de uma existência mais solidária, crítica e sustentável — princípios que Krenak (2019) defende como urgentes para não sucumbirmos à lógica de um mundo em colapso.

Assim, adiar o fim do mundo passa também por reconhecer e valorizar essa diversidade, construindo espaços de convivência que afirmem a dignidade de todos.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- Disponível em: <https://cpdel.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/Ailton-Krenak-Ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo.pdf>. Acesso em: 13 maio 2025



AINDA PODEMOS SALVAR O MUNDO

Elizangela Conceição Francisco de Souza

O nosso mundo está sendo devastado todos os dias, e todos os dias são relatadas novas tragédias com consequências devastadoras, precisamos agir o quanto antes, para que assim possamos salvar o nosso planeta.

Acredito na necessidade de melhorias e de ações energéticas que possam e devem vir através de projetos que realmente sejam eficientes, pois da maneira que vem acontecendo o nosso mundo não suportará e sucumbirá, e dessa forma não haverá mais nada, digo nada mesmo que possamos fazer para que se possa consertar, ou reverter essa situação de extrema destruição.

O mundo tem mudado, e toda essa destruição vem afetando a nossa qualidade de vida. Assisti a um filme que retrata uma situação na qual já existe episódio acontecendo, no filme 'O Dia Depois de Amanhã', traz um alerta sobre as consequências do aquecimento global e a importância de se conter as mudanças climáticas. O filme usa catástrofe apocalíptica como exemplo, do que realmente pode acontecer se a humanidade não agir para proteger a terra, se cada um de nós fizermos um pouquinho a mais do que já estamos fazendo, vai ser de grande diferença para o nosso meio ambiente, um bom exemplo é cuidar do descarte correto dos lixos, pois só com esse cuidado já teremos uma diminuição das queimadas, e como consequências melhor qualidade do ar, e também contribuirá com a diminuição de lixo nos nossos oceanos.

REFERÊNCIA:

EMMERICH, Roland. *O Dia Depois de Amanhã*. [Montreal e Toronto]: [Centropolis Entertainment, em parceria com a 20th Century Fox.] 2004. 1 DVD (2h 4m).



“O QUE EU POSSO FAZER PARA ADIAR O FIM DO MUNDO”

Gustavo Pires das Neves

Em primeiro lugar, deveríamos refletir mais sobre a relação que temos com a natureza e o futuro do nosso planeta. Fazer essa atividade fez-me pensar muito sobre como estamos cuidando (ou não) do planeta. Segundo (Krenak, 2010) devemos aprender a sabedoria dos povos indígenas, que tem um profundo conhecimento sobre a natureza, aprender suas culturas e pode nos ensinar formas mais harmônicas de viver no planeta. Trabalhar junto à comunidade é essencial. No texto, Ailton Krenak fala que a gente vive como se não fizesse parte da natureza, e isso me fez refletir. Muitas vezes, achamos que podemos usar tudo sem pensar nas consequências. Mas, se destruirmos a natureza, também estamos nos prejudicando.

Na parte prática da atividade em sala de aula, vimos três imagens que me marcaram muito. Olhar para essas imagens na sala me deixou bem pensativo. A primeira, como desmatamento e só um pedaço de floresta em forma de pulmão, me deu um aperto no peito. Mostra como a gente tá destruindo a natureza, mas também que ainda tem um pouco de esperanças e cuidarmos do que sobrou. A segunda imagem, da Terra rachada e toda cinza, parece que o planeta já tá cansado, como se estivesse pedindo socorro. E a terceira, que mostra um lado do mundo em chamas e o outro cheio de vida e cor, mostra que ainda dá tempo de escolher o caminho certo.

Depois de ver tudo isso, tenho convicção que nós podemos fazer para adiar o fim do mundo é mudar nosso jeito de viver. Começar com coisas simples, tipo jogar lixo no lugar certo, usar menos plástico, cuidar da água, e também escutar mais os povos indígenas, que sempre respeitaram a natureza. E principalmente: parar de achar que só os outros têm que mudar. A mudança começa com a gente.



Imagens do acervo do autor.

Em suma, essas imagens me fizeram ver que o fim do mundo não é só coisa de filme ou livro. É real, e pode acontecer se a gente continuar vivendo como se o planeta fosse infinito. Mas se a gente se unir, tiver mais consciência e agir com mais cuidado, dá sim pra adiar esse fim e até evitá-lo.

REFERÊNCIA

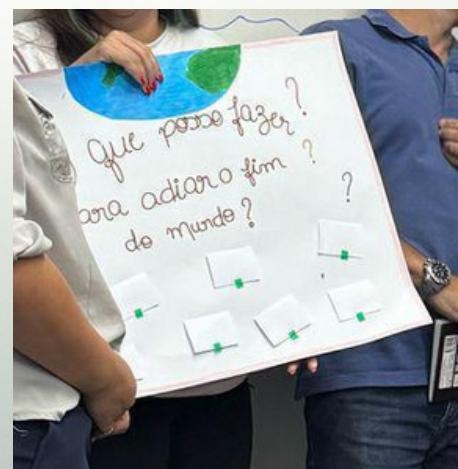
KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo - 1^a ed São Paulo. Companhia de letras. 2010

ADIAR O FIM DO MUNDOOOOO?

Ingridy de Brito Costa

Vivemos tempos difíceis. As mudanças climáticas, a poluição, o desmatamento e a desigualdade social mostram que o mundo está doente. Diante disso, muitos se perguntam: ainda dá tempo? Acredito que sim. O fim do mundo não precisa ser um destino certo. Ele pode ser adiado, ou até evitado, se todos fizermos a nossa parte. Adiar o fim do mundo começa com pequenas atitudes. Separar o lixo, economizar água e luz, usar menos plástico. Pode parecer pouco, mas quando milhões de pessoas fazem isso todos os dias, o impacto é enorme. Também podemos plantar árvores, andar mais de bicicleta e valorizar os alimentos, evitando o desperdício. Mas não é só sobre natureza. Adiar o fim do mundo também é sobre cuidar das pessoas. É combater o preconceito, lutar por justiça, respeitar as diferenças. O mundo acaba um pouco cada vez que escolhemos o ódio em vez do amor, a ganância em vez da partilha. Por isso, acredito que cada escolha importa. O futuro do planeta está nas nossas mãos. Precisamos agir com urgência, mas também com esperança. Porque enquanto houver gente lutando, cuidando e acreditando, o mundo ainda tem chance. Peguei também de exemplo como fundamentação teórica o filme “A última onda”, esse filme carrega mensagens profundas que nos remete refletir profundamente sobre reconciliação, amor, perdão, conexões com a natureza e com os outros. Ele nos ensina sobre valorização, cuidado com os seres vivo e com o meio ambiente e também sobre afetos familiares, nos trazendo grandes lições e aprendizados para vida.

A crise ambiental e social exige de nós mais do que consciência: exige atitudes concretas. Ao trazer o exemplo do filme A Última Onda, quis mostrar que a arte pode ser uma poderosa ferramenta de transformação, despertando em nós valores essenciais como o cuidado, o amor e a reconexão com o que é verdadeiramente importante. Assim, reforço a ideia de que ainda há tempo desde que cada um faça a sua parte com responsabilidade e esperança.



REFERÊNCIA:

WEIR, Peter. A última onda (The Last Wave). Direção: Peter Weir. Produção: Jim McElroy, Hal McElroy. Austrália: McElroy & McElroy, 1977. 1 filme (106 min), son., color



COMO PODEMOS ADIAR O FIM DO MUNDO

Isabelle Cristine Chaves Palma

Ao ler o livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak, fiquei muito tocada pelas reflexões que ele traz sobre o jeito como vivemos hoje. Ele mostra que, com o tempo, fomos nos afastando da natureza e começamos a tratá-la como algo que existe apenas para ser usado. Em vez de cuidarmos da Terra, passamos a explorá-la, como se ela fosse infinita e estivesse à nossa disposição.

Um trecho que me chamou bastante atenção foi quando ele diz: “Nós perdemos o encantamento pelas coisas. A terra deixou de ser mãe para virar recurso” (KRENAK, 2019, p. 26). Essa frase me fez lembrar de uma viagem que fiz com minha família para o interior do Rio de Janeiro. Lá, conheci uma comunidade que tratava o rio da região com muito respeito, fazendo até rituais para agradecer pela água. Aquela vivência foi diferente de tudo o que eu estava acostumada a ver na cidade, onde as pessoas mal notam a natureza ao redor.

Outro momento em que senti na prática o que o livro propõe foi quando participei de um mutirão de agroecologia em uma escola pública. Vi gente plantando junta, trocando sementes e alimentos, cuidando da terra com carinho. Era uma forma simples, mas muito poderosa, de mostrar que é possível viver de um jeito mais coletivo e respeitoso com o planeta. Aquilo me marcou muito e me fez entender melhor o que o autor quer dizer quando fala em adiar o fim do mundo.

O livro de Krenak me fez pensar que a mudança começa em pequenas atitudes. Precisamos parar um pouco, olhar ao redor e valorizar mais a vida em todas as suas formas. Como ele mesmo diz: “É preciso não adiar mais a possibilidade de viver o agora com toda a intensidade” (KRENAK, 2019, p. 40). Essa frase me lembrou de como, muitas vezes, estamos tão presos à correria do dia a dia que esquecemos de viver de verdade.

REFERÊNCIA

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

COMO ADIAR O FIM DO MUNDO E O CUIDADO

Jéssica de Freitas Gomes Moore

Esta apresentação convida à reflexão sobre o papel que cada um de nós exerce diante das mudanças que o planeta vem enfrentando. O cartaz alerta para os riscos que nossas escolhas impensadas trazem à vida na Terra, mas também transmite uma mensagem de esperança: ainda é possível mudar. Para isso, é fundamental repensar nossos hábitos, cuidar da natureza e adotar uma postura mais consciente em relação ao meio ambiente.

Inspirados na música "É Preciso Saber Viver", da banda Titãs, percebemos que nossas atitudes de hoje influenciam diretamente o futuro. Quando a canção diz "É preciso ter cuidado, pra mais tarde não sofrer", somos levados a pensar que a vida exige responsabilidade — tanto em nossas decisões pessoais quanto nas escolhas coletivas que envolvem o planeta. Viver bem é também viver em harmonia com a Terra e com os outros seres.

Essa reflexão se aprofunda com as ideias do pensador indígena KRENAK (2019), no livro *Ideias para adiar o fim do mundo*. Para ele, a crise que vivemos não é apenas ambiental, mas também espiritual e cultural. KRENAK afirma que não é possível adiar o fim do mundo sem uma transformação interna profunda — uma mudança na forma como nos relacionamos com a natureza, com os outros e conosco mesmos. Segundo ele, estamos adoecidos por um modo de vida que rompeu os laços com o planeta e que trata a Terra apenas como um recurso a ser explorado.

Portanto, mais do que ações isoladas, o momento exige uma mudança de consciência. Como aponta KRENAK (2019), adiar o fim do mundo não é uma questão de tecnologia, mas de reencontro com aquilo que nos faz humanos: o respeito, a empatia, o cuidado e a capacidade de imaginar outros modos de existir. A experiência vivida, sentida e compartilhada entre as pessoas é também um caminho para a mudança.





Assim, esta apresentação une arte, pensamento crítico e sabedoria ancestral para dizer que ainda é possível fazer diferente. Basta escolher viver com mais equilíbrio, responsabilidade e conexão com a vida - como nos lembra a música, é preciso saber viver. Juntos cuidando do nosso planeta, porque adiar o fim do mundo é possível quando cada um faz sua parte. Nossa tempo está acabando, e a ação começa agora!

REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TITÃS. *É Preciso Saber Viver*. 1986. Letra de música. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/titas/125840/>. Acesso em: 14 jun. 2025.



O QUE FAZER PARA ADIAR O FIM DO MUNDO?

Julia Souza

A realização deste trabalho foi extremamente significativa, pois nos convida a refletir sobre a urgência de desenvolver consciência crítica diante da possibilidade do fim do mundo. A humanidade tem contribuído de maneira acelerada para a degradação ambiental, e é imprescindível que cada indivíduo assuma sua responsabilidade na preservação do planeta. Práticas cotidianas, como a reciclagem e o descarte adequado do lixo, são atitudes simples, mas fundamentais. A cada dia, os impactos se intensificam, exigindo que sejamos mais conscientes e comprometidos com a valorização e o respeito à natureza e a todas as formas de vida.

Preservar os animais e os recursos naturais é uma condição essencial para retardar os efeitos do colapso ambiental. A relação da humanidade com a natureza e os demais seres vivos têm sido, infelizmente, marcados pela exploração desenfreada e pelo consumismo impulsionado pelo modelo capitalista. Para muitos povos, especialmente os indígenas, o “fim do mundo” já é uma realidade presente, visível na perda de seus territórios, tradições culturais e modos de vida ancestrais.



Um dos exemplos mais alarmantes da destruição ambiental é o desmatamento da Amazônia e de outros biomas brasileiros, como o Cerrado e a Mata Atlântica. Todos os anos, milhares de hectares de floresta são devastados para abrir espaço ao agronegócio, à pecuária extensiva e a empreendimentos ilegais. O avanço do desmatamento compromete a biodiversidade, contribui para as mudanças climáticas e ameaça os modos de vida tradicionais.

Além disso, o garimpo ilegal tem se intensificado nas terras indígenas, provocando a contaminação dos rios por mercúrio, a destruição de habitats naturais e o aumento de conflitos com as comunidades locais. Povos como os Yanomami enfrentam crises humanitárias graves em decorrência dessas atividades criminosas, que violam seus direitos e destroem ecossistemas inteiros.

É necessário, portanto, repensar nossas ações e nos inspirarmos nos saberes tradicionais dos povos originários, que cuidam da terra com profundo respeito, amor e equilíbrio. O exemplo dessas comunidades evidencia que há outras formas possíveis de coexistência harmônica com o meio ambiente. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é fundamental desenvolver competências como o pensamento crítico, a valorização da diversidade cultural e o respeito à vida em sociedade. A educação, nesse contexto, deve assumir um papel transformador, promovendo uma consciência ética, empática e socioambientalmente responsável.

REFERÊNCIA

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.



A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O LIVRO “O MUNDINHO” COMO FERRAMENTA PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

Larissa Leopoldina da Silva.

Esta escrita aborda a necessidade de conscientização sobre a gravidade dos problemas ambientais e como pequenas atitudes diárias podem gerar grandes impactos na preservação do planeta. Alinha-se às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), enfatizando a formação integral do sujeito e a promoção da cidadania ambiental, buscando inspirar a reflexão sobre o futuro das próximas gerações.

Na última aula, o tema foi “O que posso fazer para adiar o fim do mundo?”. Achei um tema bastante interessante e que precisa ser sempre discutido nas escolas, pois desperta a reflexão sobre o que vem acontecendo, ajudando a nos conscientizar e a entender a gravidade do problema que afeta nossa sociedade e o quanto isso nos impacta.

A preocupação com o futuro do planeta e a sustentabilidade tem se tornado uma pauta central em debates globais. A ideia de "adiar o fim do mundo" não se refere a um apocalipse iminente, mas sim à urgência de rever as ações humanas que impactam negativamente o meio ambiente. Nesse contexto, a educação emerge como um pilar fundamental para a construção de uma consciência ambiental sólida, especialmente nos anos iniciais da formação escolar. Como bem expressou a ambientalista e ativa Vandana Shiva, "A sustentabilidade não é apenas sobre o meio ambiente, é sobre nossa relação uns com os outros".

A incorporação da temática ambiental no currículo desde a educação infantil não é apenas uma recomendação, mas uma necessidade premente para formar cidadãos responsáveis e engajados. O presente artigo explora a importância de introduzir a educação ambiental de forma lúdica e acessível para as crianças, destacando o papel de recursos didáticos que estimulem a empatia e a reflexão sobre a importância de atitudes sustentáveis.

A escolha por abordar o tema na Educação Infantil justifica-se pela capacidade das crianças de absorverem e internalizarem valores que perdurarão por toda a vida, moldando seus hábitos e perspectivas. A educação ambiental, quando iniciada precocemente, possibilita que as crianças desenvolvam uma relação de cuidado e respeito com a natureza, compreendendo que são parte integrante do ecossistema e que suas ações têm consequências.

Essa abordagem está em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que preconiza a formação integral do sujeito e a promoção da cidadania ambiental desde os primeiros anos escolares. A BNCC enfatiza a necessidade de desenvolver nas crianças a capacidade de “agir de forma responsável em relação ao meio ambiente e à vida, tomando decisões com base em valores e princípios éticos” (BRASIL, 2018, p. 43).

No livro “Notas sobre a Experiência e o Saber da Experiência”, Larrosa propõe que se pense a educação não apenas como técnica ou práxis, mas como experiência dotada de sentido. Isso é extremamente aplicável à educação ambiental na infância, que deve ser vivida com encantamento, sensibilidade e profundidade, e não como um conjunto de informações a serem decoradas.

“Pensar a educação a partir do par experiência/sentido.” “A experiência é aquilo que nos acontece, que nos toca, que nos transforma.” A maneira como essa temática é apresentada é crucial. É preciso que seja leve, lúdica e instigadora, transformando conceitos complexos em experiências comprehensíveis e significativas para o universo infantil. O uso de narrativas, jogos e atividades práticas facilita a absorção do conhecimento e a formação de valores. Como o renomado oceanógrafo Jacques Cousteau sabiamente observou: “As pessoas protegem o que amam”. Para amar e proteger o planeta, é preciso primeiro conhecê-lo e se conectar a ele.

A educação ambiental, para ser verdadeira, precisa ser uma experiência vivida. O contato com a natureza deve ser afetivo, sensorial e transformador. Só assim a criança pode construir sentido sobre o mundo natural e desenvolver cuidado genuíno com o ambiente.

Uma forma lúdica de abordar esse tema é com o livro “O Mundinho”, de Ingrid Biesemeyer Bellinghausen (2010), que apresenta-se como um recurso didático relevante para a abordagem da educação ambiental na Educação Infantil. A obra narra, de maneira poética e acessível, a trajetória de um pequeno planeta que adocece devido às ações humanas irresponsáveis, como o desmatamento, a poluição e o desperdício. A autora utiliza uma linguagem simbólica e ilustrações sensíveis para estimular nas crianças a empatia e a reflexão sobre a importância de atitudes sustentáveis.

Essa abordagem está alinhada às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza a formação integral do sujeito e a promoção da cidadania ambiental desde os primeiros anos escolares.

Assim, O Mundinho contribui de forma significativa para a construção de valores relacionados ao cuidado com o meio ambiente e à responsabilidade coletiva pelas futuras gerações. A mensagem central do livro "O Mundinho" e da própria educação ambiental é que pequenas atitudes do dia a dia podem fazer uma grande diferença para ajudar o planeta e, de fato, "adiar o fim do mundo". A economia de energia, a redução do uso de plástico, a economia de água, a reciclagem e separação do lixo, o cuidado com a natureza e o consumo consciente são exemplos de hábitos que, embora pareçam simples individualmente, somam-se em resultados significativos quando adotados coletivamente.

Ailton Krenak (2019) afirma que "a vida do planeta importa e é um direito e um dever humano em conservá-la", destacando a responsabilidade coletiva diante da crise ambiental. Em vez de enxergar a natureza como um recurso a ser explorado, ele propõe que nos reconheçamos como parte dela, defendendo uma reconexão profunda entre ser humano e planeta. Essa visão é especialmente potente na Educação Infantil, pois oferece a oportunidade de cultivar, desde cedo, um sentimento de pertencimento ao mundo natural, onde cuidar do planeta não é uma obrigação imposta, mas um gesto de afeto e de identidade.

A educação ambiental, portanto, deve ir além da transmissão de conteúdos e buscar formar vínculos afetivos e éticos entre as crianças e a Terra. O planeta é a nossa casa. Se não cuidarmos dele, estaremos colocando em risco o nosso futuro e o das próximas gerações. Como a ativista Greta Thunberg pontuou: "Não há planeta B". Essa frase resume a urgência e a responsabilidade que recaem sobre todos nós.

Adiar o fim do mundo começa com gestos simples: cuidar, respeitar, economizar e compartilhar o conhecimento sobre a importância da sustentabilidade. A educação, nesse sentido, é a semente para um futuro mais próspero e equilibrado. A discussão sobre "o que posso fazer para adiar o fim do mundo" é um tema de extrema relevância e que deve ser constantemente debatido e integrado nas escolas. A educação ambiental, especialmente nos anos iniciais, utilizando recursos como o livro "O Mundinho", é fundamental para despertar a consciência e promover atitudes responsáveis. A capacidade de reflexão e a compreensão da gravidade dos problemas ambientais desde cedo são cruciais para a formação de cidadãos engajados na construção de um futuro sustentável.

É importante que a educação ofereça as ferramentas para que as crianças cresçam conscientes sobre o seu papel na preservação do planeta. As pequenas atitudes cotidianas, quando multiplicadas por milhões, tornam-se grandes transformações.

REFERÊNCIAS:

BELLINGHAUSEN, Ingrid Biesemeyer. *O Mundinho*. 7. ed. São Paulo: DCL – Difusão Cultural do Livro, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, DF, 2018.

Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002. Tradução de João Wanderley Geraldi.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



O MUNDO EM ALERTA E A ROTINA DO CONFORMISMO

Letícia Azeredo Leitão

Será que estamos de fato, conscientes da gravidade do cenário atual? Ou será que, por mais que falemos sobre esses problemas, ainda estamos vivendo em um modo automático, onde tudo é esquecido logo após ser dito?

Hoje enfrentamos um cenário preocupante. Questões como o aquecimento global, o desmatamento, o consumo excessivo e a poluição são conhecidas de todos nós, mas, por alguma razão, continuamos a agir como se não fossem problemas nossos. Existe uma certa hipocrisia generalizada: ouvimos, comentamos, até nos indignamos mas, no dia seguinte, voltamos a agir da mesma forma. Jogamos lixo no chão, desperdiçamos água, consumimos sem pensar, como se tudo estivesse normal.

Um exemplo recente que me chamou atenção foi uma matéria publicada na página LSM Notícias, sobre o aumento do nível do mar e os riscos que isso representa para o Estado do Rio de Janeiro. A reportagem citava dados da NASA, mostrando que entre 1993 e 2023 os oceanos subiram 9,4 cm, com uma aceleração preocupante nos últimos anos. Se as emissões de gases do efeito estufa continuarem no ritmo atual, o aquecimento global poderá atingir 3°C nas próximas décadas, o que afetaria diretamente cerca de 50 grandes cidades ao redor do mundo entre elas, várias do nosso estado. Cidades como Maricá, onde vivemos, além da Ilha do Governador, Duque de Caxias, Campos Elíssios, Cabo Frio e Campos dos Goytacazes, podem sofrer com inundações severas ou até mesmo com submersão. Especialistas já alertam que é preciso investir em infraestrutura resiliente, replanejamento urbano, educação ambiental e políticas públicas mais rígidas. Isso mostra que não estamos mais lidando com uma ameaça distante: ela está batendo à nossa porta. Ao ler essa notícia, fiquei profundamente incomodada. Não apenas pelos dados assustadores, mas pela falta de reação das pessoas. Será que quando leem algo assim pensam nas próximas gerações? Será que se colocam no lugar dos seus filhos, netos ou bisnetos, que talvez não conheçam o mundo como nós conhecemos hoje?

Precisamos parar de fingir que está tudo bem e assumir nossa parcela de responsabilidade. É claro que não podemos mudar o mundo sozinhos, mas podemos mudar nossas atitudes. Separar o lixo, economizar água e energia, valorizar a natureza e cobrar ações das autoridades são pequenos passos que, somados, fazem diferença. O problema é que muitos pensam que o planeta é eterno e que nada disso vai acontecer

de verdade. Mas está acontecendo. Está acontecendo agora.



Fonte: Acervo do autor

Por isso, acredito que precisamos continuar essas discussões não só em sala de aula, mas em casa, nas redes sociais, nas ruas. Precisamos ser exemplo e influenciar positivamente quem está ao nosso redor. O fim do mundo pode até parecer um exagero para alguns, mas, para quem está prestando atenção, é uma possibilidade real se continuarmos ignorando os sinais. O futuro está sendo moldado hoje, e ele depende das escolhas que fazemos agora.

REFERÊNCIA:

LSM NOTÍCIAS. Aumento do nível do mar ameaça o estado do Rio de Janeiro, alerta NASA.
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6-Gk5hRk9J/>. Acesso em: 13 maio 2025.

A INDIVIDUALIDADE FORMA A NOSSA EXISTÊNCIA, MAS O 'EU' SÓ GANHA SENTIDO QUANDO RECONHECEMOS O NÓS”

Letícia Sant'Anna Paes

“Como adiar o fim do mundo” fez refletir profundamente sobre o papel que cada um de nós desempenha na construção de uma sociedade mais consciente, afetiva e coletiva. Lembrei-me das palavras de Ailton Krenak, quando ele afirma que o fim do mundo não é um evento futuro e distante, mas algo que acontece todos os dias, quando deixamos de reconhecer a vida em sua plenitude — quando nos desconectamos da natureza, das pessoas e daquilo que realmente importa.

O cartaz que elaboramos em sala, com a frase “A individualidade forma a nossa existência, mas o 'eu' só ganha sentido quando reconhecemos o nós”, me tocou especialmente. Acredito que acertamos em cheio, principalmente nas mãos coloridas que desenhamos juntas, representando essa coletividade — diferentes, mas unidas em um mesmo propósito. Krenak fala justamente disso ao criticar a ideia de humanidade única, nos convidando a reconhecer a diversidade como um valor essencial da existência, e não como um problema a ser resolvido.

Durante a atividade, pude analisar as diferentes perspectivas que os grupos trouxeram em suas apresentações. Percebi como cada fala foi se conectando à outra, como se estivéssemos tecendo juntos uma rede de pensamentos diversos, mas complementares. Conseguí enxergar a pluralidade de visões que um mesmo tema pode ter, dependendo do ponto de vista. Essa escuta atenta e respeitosa do outro é também um dos caminhos para adiar o fim do mundo, como propõe o autor. E é nesse exercício de sentipensar, como Krenak sugere — ou seja, sentir e pensar juntos — que novas formas de estar no mundo podem surgir.

No geral, vivenciamos práticas ricas em pluralidade de pensamentos, mesmo em um curto período de tempo. Isso me levou a perceber que adiar o fim do mundo não se trata de esperar por ações grandiosas ou soluções mágicas. Trata-se, como diz Krenak, de “não naturalizar o absurdo”, de não aceitar a destruição como inevitável. É nas pequenas ações, nas escolhas diárias que respeitam o outro, a diversidade e a vida, que podemos resistir. E essa resistência, ainda que sutil, é uma forma de manter o mundo vivo por mais tempo. Essa aula foi mais do que um conteúdo: foi uma experiência de conexão, deescuta e de esperança.



CULTIVAR UM MUNDO MELHOR

Loize Estefani da Silva

Diante de tantos problemas ambientais que enfrentamos, como o desmatamento, a poluição e as mudanças climáticas, a pergunta que me vem é: como evitar o fim do mundo? Pode parecer algo distante, mas a verdade é que nossas atitudes diárias impactam diretamente o futuro do planeta. A forma como consumimos, tratamos a natureza e nos relacionamos com o meio ambiente precisa mudar com urgência. O filósofo Hans Jonas nos ajuda a refletir sobre isso com sua proposta da Ética da Responsabilidade. Ele afirma que devemos agir de maneira que nossas escolhas sejam compatíveis com a continuação da vida humana na Terra. Essa visão me fez pensar no quanto temos o dever de cuidar do planeta, não só por nós, mas também pelas futuras gerações. Jonas nos convida a sair do pensamento imediato e pensar a longo prazo, com consciência e sensibilidade.

Como aluna do quarto período de Pedagogia, acredito que a transformação começa pela educação. É por meio dela que formamos cidadãos mais conscientes, que entendem a importância de preservar o meio ambiente. Nas escolas, podemos ensinar desde cedo o valor da água, da natureza e das pequenas atitudes que fazem a diferença. Ensinar não é só passar conteúdo, é formar valores.

Evitar o fim do mundo não é só uma responsabilidade de governos ou empresas. Cada um de nós tem um papel. Ainda há tempo de mudar, e essa mudança começa com pequenas ações feitas com amor, responsabilidade e esperança. O planeta é a nossa casa. E cuidar dele é um dever de todos nós.

Secada criança aprender, desde cedo, a plantar uma árvore, a economizar água ou a respeitar os animais, ela crescerá mais consciente. Isso pode parecer simples, mas gera grandes impactos no futuro. Por isso, educar é também um ato de resistência e de amor pela vida. Nós, educadores, temos nas mãos a chance de cultivar um mundo melhor.

REFERÊNCIA:

JONAS, Hans. O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. 2. ed. Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

UMA ÁRVORE QUE SIMBOLIZAVA A IMPORTÂNCIA DA NATUREZA

Luana Mendonça Barboza

Em aula, discutimos o livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, de Ailton Krenak. Fizemos uma leitura prévia e, em grupos, após isso o professor passou uma atividade para representar as ideias do autor.

No meu grupo, decidimos fazer uma árvore que simbolizava a importância da natureza para os seres humanos, e as folhas representavam ações que podemos tomar para proteger o meio ambiente.

Durante a apresentação, falamos sobre algumas dessas ações, como reduzir e usar os recursos naturais de forma consciente, reciclar e consumir de maneira responsável. Também sugerimos fazer campanhas para plantar árvores e para conscientizar as pessoas sobre a preservação ambiental.

Essa atividade nos ajudou a entender melhor o livro e nos uniu em torno do objetivo de cuidar do nosso planeta. Aprendemos que pequenas ações fazem a diferença e que todos nós temos um papel importante na proteção da natureza.

Para complementar essa reflexão, podemos recorrer à perspectiva do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire, que defende uma educação voltada para a conscientização e a transformação da realidade. Segundo ele, “é no domínio da consciência que os homens se transformam em sujeitos”, o que significa que, ao nos tornarmos conscientes dos problemas ambientais, também nos tornamos responsáveis por agir (FREIRE, 1987, p. 45). Essa postura dialoga com a proposta de Krenak, que nos convida a repensar nossa relação com a Terra e a romper com a ideia de que a natureza existe apenas para ser explorada.

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TRANSFORMANDO UM PROBLEMA AMBIENTAL EM UMA SOLUÇÃO SUSTENTÁVEL

Luna Figueiredo

Na aula de Vivências Extensionistas, foi proposto que refletíssemos sobre o tema "Ideias para adiar o fim do mundo". Nosso grupo elaborou um trabalho a partir dos recursos fornecidos pelo professor, dialogando sobre o tema e buscando relacioná-lo a um assunto relevante e atual.

Durante nossas discussões, decidimos abordar uma fala do ex-presidente norte- americano Donald Trump, que comentava sobre a emissão de gás metano pelas vacas, tanto nas fezes quanto nos gases intestinais, e o impacto disso na camada de ozônio. Percebemos que, apesar de o gás metano ser altamente agressivo ao meio ambiente, ele ainda é pouco discutido em comparação ao dióxido de carbono.

Embora ainda não existam formas de eliminar completamente a produção de metano, refletimos sobre alternativas para amenizar seus impactos. Uma das possibilidades é o reaproveitamento desse gás para a geração de energia, transformando um problema ambiental em uma solução sustentável. De acordo com o Instituto de Energia e Meio Ambiente (IEMA, 2020), aterros sanitários podem ser importantes fontes de biogás, um combustível obtido a partir da decomposição de resíduos orgânicos, cujo principal componente é o metano. Quando captado e tratado adequadamente, esse gás pode ser convertido em energia elétrica ou térmica, contribuindo para a redução das emissões de gases de efeito estufa.

Acreditamos que o investimento em tecnologias adequadas nos aterros sanitários, capazes de capturar e reaproveitar o metano, representa uma alternativa viável e promissora. Dessa forma, contribuímos para a diminuição dos danos ambientais e avançamos em direção a um futuro mais sustentável — um passo importante entre as ideias para adiar o fim do mundo.

REFERÊNCIA

INSTITUTO DE ENERGIA E MEIO AMBIENTE (IEMA). *Aproveitamento energético do biogás em aterros sanitários*. São Paulo: IEMA, 2020. Disponível em: <https://energiaeambiente.org.br>. Acesso em: 13 maio 2025.

BETTS, Anna. Trump bizarrely claims Democrats want to ban cows and windows in buildings. *The*

Guardian, 15 out. 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2024/oct/15/trump-democrats-cows-windows>. Acesso em: 13 maio 2025.



IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: REFLEXÕES A PARTIR DO DEBATE SOBRE DISCURSOS EXTREMISTAS E A CRISE AMBIENTAL

Maiara de Souza Almeida

Durante uma aula da disciplina Vivências Extensionistas IV, fomos instigados a elaborar um trabalho com base no livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak. A proposta surgiu a partir de um debate sobre discursos extremistas, que acabou nos conduzindo — curiosamente — ao tema dos gases produzidos pelas flatulências das vacas, chegando, por fim, à problemática do lixo.

Esse percurso foi, a nosso ver, bastante significativo. Muito se fala sobre o dióxido de carbono (CO_2) quando se trata do aquecimento global, mas pouco se discute sobre o metano (CH_4), um gás com potencial de aquecimento cerca de 80 vezes maior que o CO_2 . Como destaca o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, 2021), o metano é responsável por cerca de 30% do aquecimento global desde a era pré-industrial, sendo que a pecuária intensiva é uma de suas principais fontes.

A partir disso, refletimos sobre como questões ambientais urgentes são muitas vezes maquiadas por interesses econômicos. Ailton Krenak (2019) denuncia que o modelo de desenvolvimento ocidental "naturalizou a ideia de que a Terra é um recurso infinito, disponível para ser explorado sem limites", o que contribui para a destruição contínua da vida em nome do lucro. Essa lógica é evidente no agronegócio, que, embora se apresente como motor da economia, é também um dos maiores responsáveis pela emissão de gases de efeito estufa e pelo desmatamento.

Diante disso, pensamos em possíveis soluções. Uma delas seria a estruturação de sistemas de captação de gás metano proveniente do lixo, com o objetivo de gerar energia elétrica de forma mais sustentável. Contudo, ao longo do debate percebemos que a complexidade da questão exige muito mais do que soluções técnicas pontuais. Como alerta Krenak (2019), "não podemos continuar acreditando que a tecnologia vai resolver tudo", pois o problema está enraizado na própria forma como nos relacionamos com o planeta.

Adiar o fim do mundo, como propõe Krenak, demanda enfrentar interesses econômicos, políticos e pessoais profundamente enraizados. É preciso ampliar o debate, promover a conscientização coletiva e, sobretudo, repensar nossos modos de vida, de consumo e de produção. Bell Hooks (2013) reforça essa ideia ao afirmar que a transformação social começa com uma mudança de consciência, com a capacidade de questionar os sistemas que nos foram impostos e imaginar novas formas de existência.



Somente assim poderemos construir alternativas viáveis e éticas para um futuro possível, reconhecendo que a Terra não é um recurso, mas um organismo vivo com o qual devemos estabelecer uma relação de respeito e reciprocidade.

REFERÊNCIAS

- IPCC – Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas. Relatório de Avaliação AR6 – 2021.
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.



A IMPORTÂNCIA DAS VIDAS NA NATUREZA.

Marcos Murilo Motta da Silva

Podemos analisar diversos processos os quais podemos colocar em prática para então adiarmos o Final do Mundo em que vivemos, podemos iniciar esse processo com um diálogo mundial sobre a importância do planeta terra. Sabemos que isso não se trata de uma tarefa fácil. Pois a humanidade está sempre colocando os valores materiais em primeiro lugar, e negligenciando a natureza existente na terra. A humanidade na atualidade se apresenta como verdadeiros predadores e hospedeiros do planeta. Precisamos mudar isso, visto que, todas as formas de vida fazem parte do todo que compõem a nossa terra.

Com essa visão podemos concluir, que estamos matando a nós mesmos. Por conseguinte, é necessário valorizar todas as formas de vidas que constituem o planeta, a humanidade precisa se reeducar para que se preserve a si mesma, e as outras formas de vidas existentes aqui.

Vamos descrever um episódio, o qual foi divulgado recentemente nos meios de comunicação. No estado do Mato Grosso do Sul, aconteceu de uma onça pintada, atacar e devorar um homem, lembrando que essa onça estava em seu ambiente natural na condição de animal selvagem. No caso os homens estavam ocupando o espaço desse animal, logo, o fato aconteceu. Por sua vez, as opiniões ficaram divididas, alguns diziam que o animal deveria ser sacrificado, e outros diziam que não. Será que isso seria certo? Quem é mais importante para o planeta, o homem ou os animais? Todas as vidas no caso seriam consideradas para compor a importância do planeta.

SEMEAR O FUTURO PARA ADIAR O FIM

Maria Fernanda Martins da Costa

Durante a construção do nosso trabalho, refletimos sobre essa pergunta que infelizmente, tem se tornado cada vez mais real: o que podemos fazer para adiar o fim do mundo? Em grupo, criamos um cartaz onde representamos o planeta Terra, pintado com as cores azul e verde, e sobre a parte terrestre, colamos feijões germinando, como um símbolo de renascimento, de esperança e de que ainda existe possibilidade de mudança.

Fui levada a pensar sobre nossas ações e a forma como vivemos. É comum hoje em dia ouvirmos falar sobre aquecimento global, poluição, desmatamento, falta de água e tantas outras crises ambientais. Mas a grande verdade é que, muitas vezes, tudo isso parece tão distante do nosso dia a dia que acabamos agindo como se nada estivesse acontecendo. Só que está. E o mais grave é que estamos nos acostumando com isso.

O livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, de Ailton Krenak trouxe uma reflexão muito profunda sobre como estamos tratando o planeta como uma coisa qualquer, como se fosse uma máquina feita para servir às nossas vontades, sem considerar que a Terra é viva, e nós fazemos parte dela. Krenak nos alerta que o fim do mundo já chegou para muitas comunidades, principalmente indígenas, que sofrem com a perda da natureza, do território e da própria cultura. Ou seja, o fim não é um evento no futuro, ele já está em curso.

O autor propõe que adiar o fim do mundo é também mudar nossa forma de viver. Não é só uma questão ambiental, é uma questão de consciência. A forma como consumimos, como educamos, como cuidamos do nosso entorno, tudo isso conta. Pequenas atitudes como economizar água e energia, não desperdiçar alimentos, plantar, separar o lixo e até conversar com outras pessoas sobre. Isso sim, são formas de resistência. Percebo que também temos um papel importante na transformação desse cenário. Educar para o cuidado com o planeta é urgente.



Imagen do autor



Precisamos formar pessoas mais conscientes e comprometidas com a vida em todas as suas formas. Esse trabalho me fez pensar que plantar feijões em um cartaz pode parecer simples, mas carrega um simbolismo poderoso: de que ainda é possível semear vida em meio ao caos. E é isso que pretendo levar comigo, como estudante, como cidadã, e um dia, como educadora.

REFERÊNCIA

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

O FIM DO MUNDO?

Monique de brito costa Barros

Foi nos perguntado de que maneiras poderíamos adiar o fim do mundo é que desenvolvemos, então, um lindo do cartaz que, em uma visão geral, indicariam várias maneiras de retardar ou até mesmo sanar este problema que vivemos. Citamos várias ações e atitudes que toda a sociedade deve adotar com isto e pedimos que cada aluno desse a sua versão desta ação. Como imaginávamos, cada um teve um pensamento ou visão diferente. Claro que tudo levava ao mesmo propósito, porém com pontos de vista distintos.

É importante se ter o entendimento que o planeta Terra não pertence só a mim, mas também a outros que virão depois. É preciso cuidar, zelar, deixar para os outros em perfeitas condições. Temos que ter a consciência que a ideia de evolução e progresso não se deve haver a qualquer custo, destruindo as florestas e rios, pois são eles que nos suprem em nossas principais necessidades. Proteger e cultivar o hoje, incentivando a todos ao nosso redor, é a certeza de um futuro longo e duradouro, afinal, o tempo não para, e hoje ele é um dos nossos maiores inimigos.

Precisamos reencontrar o amor pela natureza, nos conectar com aquilo que inicialmente era primordial na vida de todos e aprender a viver em sociedade, a respeitar os limites do outro e incentivar quando necessário. Devemos ser um exemplo para o outro, até que todos entendam e deem o devido valor ao nosso planeta.

O filme “O menino que descobriu o vento” me ajudou muito a formular meus pensamentos, ele é baseado em uma história real e mostra como um jovem, com criatividade e determinação, encontra uma solução sustentável para salvar sua vila da fome causada pela seca. Ele reaproveita materiais e constrói uma turbina de vento para gerar energia e irrigar plantações. Ele reforça muitos pontos como o que citei no meu texto. Mostra a importância de pensar no coletivo e agir unicamente para um bem maior, enfatiza o papel da educação, da tecnologia sustentável e da consciência ambiental como meios de “adiar o fim do mundo” e assim como eu ele leva seu pensamento no futuro, não só no seu, mas no de toda a comunidade mostrando o impacto de pequenas ações que podem gerar grandes mudanças.

Esse filme é incrível e assisti ele como sugestão de uma professora da faculdade.

REFERÊNCIA

EJIOFOR, Chiwetel (dir.). O Menino que Descobriu o Vento (= The Boy Who Harnessed the Wind).

Reino Unido, Malaui, EUA: Netflix, 2019. 113 min.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo São Paulo: Companhia das Letras, 2019

ERA SÓ MAIS UMA ATITUDE SUSTENTÁVEL

Natália Farias Tougeiro Affonso

Durante a aula, o professor propôs uma reflexão ao nosso grupo com a pergunta: “O que podemos fazer para evitar o fim do mundo?”. Como resposta, apresentamos um cartaz abordando dois problemas ambientais graves: o desmatamento e o descarte irresponsável de rejeitos por indústrias químicas. Para ilustrar que é possível reverter danos ambientais, usamos como exemplo a inspiradora história de Hélio da Silva, um homem que, no final de 2024, transformou um antigo lixão em São Paulo em uma floresta com 40 mil árvores, cumprindo sua missão de trazer vida a um espaço antes tomado pelo concreto e pelo lixo (BBC News Brasil, 2025).

Como forma de homenagem, criamos uma paródia da música “Era só mais um Silva”, adaptando a letra para destacar a importância da atitude de Hélio da Silva e a necessidade de ações individuais em prol do meio ambiente. Acreditamos que, se cada pessoa fizer a sua parte, é possível combater o desmatamento e outras práticas humanas que contribuem para a degradação do planeta. A aula foi uma oportunidade valiosa para refletirmos sobre a responsabilidade de cada um na construção de um futuro mais sustentável.

Paródia criada:

Era só mais um Silva, onde o lixo crescia
Mas tinha esperança e muita valentia
Era só mais um Silva, lá da periferia
Plantou 40 mil, mudou a geografia

Com pá na mão e sonho no olhar
Fez da cinza verde, fez floresta brotar
Na terra esquecida que ninguém mais via
Ele fez do lixo um jardim de poesia

Era só mais um Silva, mas virou herói
Mostrou que o amor pela terra constrói
Era só mais um Silva, mas plantou valor
Onde havia entulho, hoje tem flor

REFERÊNCIAS:

Música para criar a paródia: <https://www.youtube.com/watch?v=uZYsMBoH4Kg>

BBC News Brasil. O 'plantador de árvores' que criou floresta no meio do entulho em São Paulo. 7 abr. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c24q11e9m9qo>. Acesso em: 14 maio 2025.

COMO ADIAR O FIM DO MUNDO?

Natália Soares de Azeredo

Se o mundo estiver mesmo acabando, o que eu, uma só pessoa no meio de bilhões, poderia fazer? Talvez cada um de nós essa situação pense: “Nada!”. É então que me lembro do filme “Tomorrowland: Um lugar onde nada é impossível”, onde a mensagem principal do filme nos fala sobre continuarmos sendo sonhadores, por nós, pelos outros e por um mundo melhor. No filme vemos uma citação muito importante sobre a fábula dos dois lobos, que reforça todo o conceito da história: “Em cada um de nós existem dois lobos – um que representa o medo, o caos, a desesperança...e outro que representa a coragem, a criatividade, a esperança. E sabe qual vence? Aquele que a gente alimenta”. Então talvez o começo de tudo seja esse, alimentar o lobo certo. Acreditar que o futuro pode ser diferente. Que as pequenas coisas contam. Que ideias boas ainda mudam o mundo.

No filme, “Tomorrowland” é um lugar onde nada é impossível, mas só entra lá quem ainda acredita, quem ainda sonha, quem não desistiu. E é isso que eu escolho fazer: continuar sonhando, mesmo quando tudo parece estar desmoronando. Continuar criando, mesmo quando dizem que não adianta. Continuar ajudando, mesmo que pareça pouco.

Talvez eu não salve o mundo inteiro. Mas posso inspirar alguém, que vai inspirar um outro alguém, que vai inspirar mais um outro alguém. Posso cuidar melhor da natureza espalhando boas ideias. Eu posso ser o tipo de pessoa que acredita – e isso, às vezes, já é o suficiente para começar a mudar tudo.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FILME: Tomorrowland – Um lugar onde nada é impossível. Direção de Brad Bird. Walt Disney Pictures, 2015.

FÁBULA DOS DOIS LOBOS. Sabedoria tradicional indígena norte-americana. Transmitida oralmente; disponível em diversas versões populares.

O QUE POSSO FAZER PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

Priscila da Silva de Castro Dias

Reverberar a importância das minhas atitudes como indivíduo e no coletivo para alterar o impacto negativo não só no presente, mas também futuramente para um mundo melhor.

Durante a aula, a troca de ideias evidenciou a força da palavra: cultivar a empatia, além da escuta ativa. Particularmente, fui impactado pela fala de um colega sobre a influência de gestos simples de gentileza para com a natureza e tudo aquilo ao qual não damos em nosso cotidiano o seu devido valor. Desde então, tenho me esforçado para incorporar de forma mais consciente essas pequenas práticas.

Acredito que a verdadeira mudança no mundo se constrói em camadas, tijolo a tijolo, a partir da nossa disposição em sermos melhores. A aula não apenas despertou essa consciência, mas também me impulsionou a traduzir a reflexão em ações concretas, por menores que pareçam. O mundo não muda com um passe de mágica, mas com a persistência de cada um de nós em semear o bem do nosso dia a dia.

Então, concluo com a satisfação em ter tido esta atividade de reflexão coletiva, com várias percepções em sala e a cada dia mais admirando o professor Hugo por sua sabedoria compartilhada e empatia com a nossa turma.

REFERÊNCIA:

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

IDÉIAS PARA SALVAR O FIM DO MUNDO

Raphael de Siqueira Carneiro Leão

As ideias para salvar o fim do mundo passam por um processo de reconexão com os recursos naturais, deixando de enxergar a natureza apenas como um fornecedor de suprimentos e passando a compreendê-la como um corpo vivo, consciente e sensível, cujos reflexos das ações humanas são muitas vezes irreversíveis. Essa mudança de perspectiva exige um olhar mais ético e sustentável sobre o meio ambiente.

A cultura que valoriza a natureza como sagrada tende a preservá-la e a promover práticas mais saudáveis para a manutenção do ecossistema. Um exemplo expressivo disso é a visão dos povos indígenas, que sempre mantiveram uma relação de profundo respeito com a terra. Sua resistência histórica ao modelo exploratório ocidental ainda ecoa nos dias atuais, como prova da importância de manter suas tradições e conhecimentos vivos.

Apesar dos diversos ataques e descasos sofridos, os povos originários continuam a lutar pela preservação de seus territórios e modos de vida, demonstrando que é possível viver em equilíbrio com a natureza. Os dados e estudos contemporâneos mostram que seus territórios são os mais bem preservados do planeta, o que reforça a importância de escutar e valorizar esses saberes ancestrais (KRENAK, 2019).

Nesse sentido, é necessário repensar o estilo de vida moderno. A máxima “viver com menos coisas e mais memórias” revela uma mudança de paradigma que visa não apenas a sustentabilidade ecológica, mas também a construção de um legado ético e coletivo para as futuras gerações. A educação, nesse contexto, tem papel central na formação de sujeitos conscientes, capazes de dialogar com diferentes saberes e promover transformações sociais e ambientais.

REFERÊNCIA:

CAMERON, James. Avatar. Direção: James Cameron. [S.l.]: 20th Century Fox, 2009. Filme.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

“O QUE EU POSSO FAZER PARA ADIAR O FIM DO MUNDO”

Roberta de Oliveira Marins dos Santos

Deveríamos refletir mais sobre a relação que temos com a natureza e o futuro do nosso planeta. Aprender a respeitar e a cuidar da natureza, e entender que somos parte dela. Com isso devemos proteger as florestas, os rios e todos os seres vivos.

Quando cuidamos do meio ambiente estamos garantindo um futuro melhor para todos.

Precisamos adotar práticas sustentáveis no nosso dia a dia como reciclar, economizar água e energia e utilizarmos produtos que não agridam o meio ambiente. Devemos compartilhar informações e conscientizar as pessoas, amigos e familiares, podemos criar movimentos em prol da preservação do meio ambiente.

Segundo Krenak (2019) devemos aprender a sabedoria dos povos indígenas, que tem um profundo conhecimento sobre a natureza, aprender suas culturas e pode nos ensinar formas mais harmônicas de viver no planeta. Trabalhar junto à comunidade é essencial. Nós unirmos para resolver problemas locais como o lixo das ruas ou a poluição dos rios. Repensar hábitos de consumo. Evitando as queimadas, o descarte do lixo de forma errada, as indústrias poderiam investir mais em tratamentos adequados para diminuir a poluição dos rios e do solo.

A humanidade deveria se conscientizar em usar recursos naturais, procurar fazer palestras, manifestações que mostrem a importância da natureza em nossas vidas, mostrando que a união faz a diferença para que possamos mudar esse cenário. Ter uma visão mais ampla e diversa que se reconheça as riquezas das diferentes culturas e que busque a harmonia entre as diferentes formas de vida.

REFERÊNCIA

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo - 1^a ed São Paulo. Companhia de letras. 2019

ATITUDES POSITIVAS

Taniela Pereira Dutra

Com base em uma apresentação da aula consciente, que foi feita e organizada pelo meu grupo, o qual enfatizou a importância de atitudes positivas, por menores que pareçam, para o futuro do planeta, entendemos que precisamos urgentemente valorizar o que temos de mais precioso: o meio ambiente. Não somos os maiores responsáveis por salvar o mundo sozinhos, mas certamente somos parte fundamental na transformação que ele precisa. Sempre fui incentivada a cuidar do meio ambiente, não jogar lixo na rua e adotar atitudes simples que aprendi desde cedo, como, por exemplo, ter respeito e gratidão pelo espaço em que vivemos. Tudo isso me faz acreditar que mesmo em pequenos atos de amor coletivo podemos gerar grandes mudanças. Em nosso trabalho em grupo, abordamos a urgência em mudar hábitos e conscientizar sobre o meio ambiente e várias atitudes que podemos tomar para adiar o fim do mundo.

No cartaz, enfatizamos que o nosso tempo está se esgotando, mas ainda temos a chance de mudar. Essas mudanças precisam começar em nós, nas pequenas ações do dia a dia. Acreditamos que a educação tem um papel fundamental nesse processo. Como futuras educadoras, temos ciência da nossa missão: ensinar nossas crianças a cuidarem do planeta.

A proposta dialoga diretamente com o conceito de educação ambiental crítica, descrito por autores como Carlos Frederico Loureiro (2009). Segundo ele, a educação ambiental deve ser voltada à transformação social, formando sujeitos conscientes de seu papel na construção de um mundo mais justo e sustentável. É preciso ir além das ações pontuais e pensar em práticas educativas que incentivem a reflexão e a participação ativa em prol do meio ambiente.

Ao incentivar atitudes sustentáveis na infância, trabalhamos valores como empatia, cidadania e responsabilidade coletiva, fundamentais para adiar o fim do mundo e transformar a relação humana com a natureza.

REFERÊNCIA

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação ambiental: repensando o espaço da formação docente. São Paulo: Cortez, 2009.

A IMPORTÂNCIA DA CONVIVÊNCIA E DA FORMAÇÃO HUMANA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Amilton Ribeiro da Silva

Refletir sobre tudo o que vivenciamos coletivamente em sala de aula, especialmente nas experiências extensionistas, é reconhecer o valor da troca de saberes como elemento essencial da formação docente. Esses momentos não apenas nos situam dentro do espaço escolar, mas também ampliam nossa compreensão do mundo para além dos muros da escola.

A convivência entre colegas, as aulas compartilhadas e os diálogos que surgem dessas experiências formativas contribuem significativamente para a construção de um ambiente respeitoso e acolhedor. Neles aprendemos, na prática, que a diversidade humana — marcada por diferentes raças, crenças, culturas e formas de viver — não deve ser motivo de separação, mas de valorização. Somos todos seres únicos, com histórias singulares, e é justamente essa pluralidade que enriquece o nosso processo formativo e nos desafia a sermos mais empáticos e sensíveis ao outro.

Em nosso curso de Pedagogia, compreendemos diariamente que saber conviver é tão importante quanto dominar os conteúdos pedagógicos. Vivemos em uma sociedade que, muitas vezes, se apresenta contraditória, nos levando a refletir constantemente sobre o caminho que estamos trilhando. Ainda assim, acreditamos que estamos na direção certa. Ao nos dedicarmos aos estudos, ao diálogo e à prática crítica, nos preparamos para levar uma educação transformadora para além da instituição: para nossas famílias, comunidades e futuros espaços de atuação.

Nosso compromisso é aplicar, na vida cotidiana, os princípios aprendidos na formação docente. Mais do que transmitir conhecimentos, buscamos promover valores como respeito, solidariedade e justiça. A convivência harmoniosa, sustentada pelo reconhecimento das diferenças, é um pilar essencial para a construção de uma sociedade mais humana — e é através da educação que essa mudança começa.

REFERÊNCIAS:

- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, n. 25, p. 5-17, 2004.
- TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.
- VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2001

VIVÊNCIA COLETIVA E EMPATIA: A PEDAGOGIA COMO CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO

Gustavo Spindola Costa

Entender a importância de uma vivência coletiva, nutrida por responsabilidades sociais, é um passo fundamental para superar a concepção de uma cidadania egocêntrica e consumista. Em um mundo marcado pela desigualdade, pelo individualismo e pela degradação ambiental, torna-se urgente repensar o papel do sujeito, em sociedade, sobretudo quando se escolhe a pedagogia como um projeto de vida e de transformação.

A disciplina de Vivências Extensionistas tem nos proporcionado reflexões profundas sobre a importância de nossa existência como parte de um todo. Com base em experiências compartilhadas, passamos a perceber que nossa identidade não é construída isoladamente, mas em constante relação com o outro e com o mundo. Esse processo envolve aspectos sociais, ambientais, afetivos e éticos — exigindo, sobretudo, a difícil tarefa de nos desprendermos de uma centralidade egóica para abrir espaço à valorização do outro.

Ao iniciarmos os debates sobre as problemáticas sociais, ambientais e humanas, percebemos como nossas vidas estão intrinsecamente ligadas à coletividade. Nossos encontros e discussões — sempre pautados por autores e imagens que instigam nosso pensamento — revelaram a importância da união e da corresponsabilidade para a plena formação da cidadania. Um dos momentos mais impactantes foi a análise de três imagens representando a crise climática atual, o que nos levou a refletir sobre o estado de “ebulição global” vivido pelo planeta, como consequência da ação humana predatória. Nesse contexto, evocamos a ideia de “adiar o fim do mundo”, inspirada nas palavras do pensador indígena Ailton Krenak, compreendendo que pequenas ações éticas podem gerar grandes impactos.

Aprendemos, ao longo das discussões, que gestos simples — como respeitar, perdoar, ouvir, acolher e se colocar no lugar do outro — são capazes de tecer estruturas sociais mais justas e humanas. Esses gestos não apenas transformam relações interpessoais, mas também desconstroem desigualdades e geram justiça social.

Essa noção é reforçada por Erich Fromm, que em *A arte de amar*, afirma que amar é um ato de vontade, que exige disciplina, paciência e fé. Para Fromm, o amor verdadeiro não é passivo nem romântico idealizado; é ação, cuidado e responsabilidade pelo bem-estar do outro.



Sob a ótica filosófica, Aristóteles defende, na *Ética a Nicômaco*, que a felicidade (*eudaimonia*) está relacionada ao bem comum e à virtude, sendo a amizade e a empatia práticas fundamentais para uma vida ética. Já Platão, em seus diálogos, valoriza o autoconhecimento e a busca da verdade por meio da convivência e do diálogo, destacando que o homem só pode se realizar plenamente em sociedade. Ambas as visões dialogam diretamente com a proposta da pedagogia enquanto prática de transformação social, fundada no cuidado, na justiça e na razão crítica.

Além disso, a Neurociência contemporânea também vem contribuindo para o entendimento de como práticas empáticas afetam positivamente o cérebro humano. Estudos demonstram que atitudes de compaixão, escuta e afeto ativam áreas cerebrais associadas ao prazer, ao vínculo e ao bem-estar coletivo, revelando que o cuidado com o outro não é apenas uma escolha moral, mas uma necessidade biológica da nossa espécie.

Ao decidir cursar Pedagogia, desafiei totalmente a trajetória profissional que havia construído até então. Durante muitos anos, o outro jamais esteve no centro das minhas ações. No entanto, ao ingressar nesse curso, passei a vivenciar experiências únicas e emocionantes, que me conduziram ao caminho do bem, do respeito e do senso crítico. A prática pedagógica vem me desconstruindo diariamente, fazendo-me perceber que ao entrar em uma sala de aula — ou mesmo ao oferecer ajuda a alguém na rua — é possível exercer um olhar de empatia e agir com bondade. Essas atitudes, por mais simples que pareçam, têm a força não apenas de adiar o fim do mundo, mas de desconstruir o mundo atual: egocêntrico, consumista, gerador de desigualdades e movido pela lógica do capital.

Nesse processo de ressignificação pessoal e profissional, encontro inspiração nas palavras do poeta popular José Datrino, o Profeta Gentileza, que pregava o amor e a paz como fundamentos da vida. Suas mensagens grafadas nas pilastras do Viaduto do Gasômetro, no Rio de Janeiro, nos lembram que "gentileza gera gentileza". Essa máxima, embora aparentemente simples, carrega um imenso poder transformador quando colocada em prática no contexto da educação.

Assim, a pedagogia se faz presente em minha vida como um exercício constante de reconstrução do ser pautado no compromisso ético com o outro e com a sociedade. Ser pedagogo é compreender os direitos e deveres expressos na Constituição, mas também é ir além das normas: é cultivar um olhar humano sobre as necessidades sociais do presente. Como nos provoca o professor Hugo Leonardo, nas aulas de Vivências Extensionistas, é preciso reconhecer a beleza e a urgência de se comprometer com um projeto de humanidade mais justo e sensível.

Sendo assim, acredito que, passo a passo, estaremos cada vez mais próximos do abraço. Ser pedagogo é poder abraçar o outro — metafórica e literalmente — sempre que ele precisar. E é nesse gesto que reside a verdadeira potência da educação: transformar o mundo ao transformar a si mesmo com amor, empatia e responsabilidade coletiva.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2009. Disponível em: <https://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb000019.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2025
- FROMM, Erich. A arte de amar. Tradução de Milton Amado. 20. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2001. Disponível em: <https://archive.org/details/a-arte-de-amar- erich-fromm>. Acesso em: 02 maio 2025.
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br>. Acesso em: 06 maio 2025.
- PLATÃO. Diálogos. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001. Disponível em: <https://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000019.pdf>. Acesso em: 03 maio 2025.
- SPOHR, Alexsandro. Neurociência e educação: como o cérebro aprende. Curitiba: Appris, 2020. Disponível em: <https://www.appris.com.br>. Acesso em: 08 maio 2025.
- VARGAS, Gisela. Profeta Gentileza: a cidade como texto. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 7., 2002, Recife. Anais [...]. Recife: UFPE, 2002. Disponível em: <https://www.anpur.org.br/anais/2002/PDF/VARGAS.pdf>. Acesso em: 09 maio 2025.

O QUE FAZER PARA ADIAR O FIM DO MUNDO?

João Pedro Felix Martins de Souza

Para evitar o "fim do mundo", é necessário educar as novas gerações, buscando melhorar e recuperar o estado do planeta Terra. É fundamental refletir sobre o tipo de mundo que deixaremos para as próximas gerações. Segundo Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 22): "Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência".

Partindo desse trecho da obra *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, pode-se considerar que, na tentativa de adiar o fim do mundo, podemos inadvertidamente acelerar sua destruição. Isso pode ocorrer ao seguirmos experiências ou informações inadequadas, levando-nos a tomar decisões que, em vez de preservar, podem comprometer ainda mais o planeta de maneira irreversível.

Com base nas minhas vivências em sala de aula e no convívio com duas turmas diferentes, percebo que a visão coletiva e a união do grupo podem ser a chave para cuidarmos do mundo e restaurarmos seu estado frágil, transformando-o em um ambiente mais estável e limpo.

Ailton Krenak (2019, p. 32) também questiona "Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados no mínimo exercício de ser?" Neste trecho do livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, o autor aponta como grande parte da humanidade permanece ignorante quanto à situação precária do planeta e como este está se desmoronando diante de todos. Um bom exemplo a ser seguido é de Antonio Vicente que plantou uma floresta inteira sozinho em São Paulo, transformando 200KM no interior de São Paulo.

Se uma pessoa sozinha pode plantar uma floresta inteira sozinha, o que uma população inteira pode fazer para melhorar e concertar o estado do mundo atual, de tornar as partes do mundo que se tornaram desertos de lixo e deserto, em grandes florestas. Adiar o fim do mundo não é um projeto para uma pessoa, mas um projeto que a humanidade inteira deve seguir, afinal, A terra é o único planeta que temos para viver no momento e assim será por um bom tempo.

REFERÊNCIAS

BBC NEWS BRASIL. A incrível história do brasileiro chamado de louco pelos vizinhos por plantar a própria floresta. *BBC News Brasil*, [s.l.], sem data. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40082660>. Acesso em: 11 jun. 2025.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Disponível em: <https://cpdel.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/Ailton-Krenak-Ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2025.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002. Disponível

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11jun. 2025.



ADIAR O FIM DO MUNDO: UMA EXPERIÊNCIA DE AFETO, ESCUTA E RECONSTRUÇÃO COLETIVA

Vitoria Camille Gomes da Silva

Na disciplina de Vivências Extensionistas, fomos convidados a refletir sobre a pergunta: “O que podemos fazer para adiar o fim do mundo?”. De início, essa provocação parecia ampla e até utópica. Porém, à medida que mergulhamos na leitura e nas trocas em grupo, percebi que essa pergunta era, na verdade, um convite urgente para repensarmos nossa forma de estar no mundo — e sobretudo, na sala de aula.

Inspirados na obra de Ailton Krenak, compreendemos que o fim do mundo não é um acontecimento distante ou meramente ambiental, mas algo que se revela nos pequenos gestos de indiferença, intolerância e ruptura com a coletividade. Para o autor, adiar o fim do mundo é um ato cotidiano de resistência, que envolve restaurar vínculos, proteger a vida em todas as suas formas e rejeitar um modelo de sociedade que transforma tudo — inclusive a natureza e as pessoas — em mercadoria (KRENAK, 2019).

A elaboração do cartaz coletivo foi uma vivência intensa. Pintar as mãos e deixá-las registradas no papel foi muito mais do que uma atividade simbólica; foi um gesto de pertencimento, de respeito ao outro e de escuta ativa. Cada cor ali representava uma identidade, uma história, e juntas compuseram um corpo coletivo que expressava diversidade e união.

Escutar os outros grupos foi igualmente transformador. Cada apresentação trouxe um olhar diferente sobre a proposta, e me chamou atenção como todas as respostas eram válidas, possíveis e complementares. Algumas focaram nas questões ambientais, outras nas relações humanas, outras na importância do afeto e da empatia. Foi nesse momento que compreendi, com ainda mais força, que adiar o fim do mundo é uma tarefa que não se realiza sozinha — é uma construção coletiva, tecida na pluralidade de vozes e experiências. As ideias de Paulo Freire também se tornaram presentes nesse processo. O autor defende que ensinar é um ato de humildade e diálogo, e que só é possível formar sujeitos livres se partirmos do reconhecimento do outro como alguém que também sabe, sente e sonha (FREIRE, 1996). A “escuta ativa”, como ele propõe, nos convida a ouvir com presença, com afeto e com abertura para o encontro.

Ao vivenciar essa atividade, senti que algo em mim se transformou. Mais do que uma tarefa acadêmica, foi uma experiência de aprendizagem profunda. Saio desse momento com a certeza de que minha atuação como futura pedagoga precisa estar comprometida com a escuta, com o respeito às diferenças e com a construção de espaços educativos que celebrem a vida. Como diz Krenak (2019, p. 33), “definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós [...] é diferente do outro, como constelações. Enquanto houver diálogo, cuidado e esperança, ainda haverá tempo — e formas — de adiar o fim do mundo.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

REFERENCIAL DAS AULAS DE EXTENSÃO

- DELEUZE. G. Conversações. Tradução Peter Pal Plhart; São Paulo (SP) : Editora 34; 1972.
- DIAS, R. O. Formação Inventiva de Professores e Políticas de Cognição. Informática na Educação: teoria & prática, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 164-174, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica> . Acessado em 11/04/2025.
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In.: Revista Brasileira da Educação. Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002. Disponível em: [Texto do seu parágrafo](#) . Acessado em 13/04/2025.
- OLIVEIRA, A.; FERREIRA, R. A construção do problema na pesquisa sobre política educacional: contribuições para o debate. Revista Brasileira Política Administração da Educação. v.37, n.1, p. 243-265, jan/abr. 2021. Disponível em: [Texto do seu parágrafo](#) . Acessado em: 11/03/2025.